

Programa Espacial Brasileiro - Parceria Brasil e Ucrânia

O governo dos Estados Unidos pressionou autoridades ucranianas para emperrar o desenvolvimento do projeto conjunto “Brasil-Ucrânia” de implantação da plataforma de lançamento dos foguetes Cyclone-4 - de fabricação ucraniana - em Alcântara, no Maranhão. A sabotagem americana contra o Brasil veio a público através da divulgação de telegramas diplomáticos pelo site WikiLeaks.

Comunicação feita em 2009 entre a embaixada dos EUA e a Casa Branca deixa claro o objetivo de Washington de impedir a todo custo que o Brasil tenha acesso a qualquer desenvolvimento tecnológico no setor aeroespacial.

O telegrama do diplomata americano no Brasil, Clifford Sobel, enviado aos EUA em fevereiro daquele ano, relata que os representantes ucranianos, através de sua embaixada no Brasil, fizeram gestões para que o governo americano revisse a posição de boicote ao uso de Alcântara para o lançamento de qualquer satélite fabricado nos EUA. A resposta americana foi clara. A missão em Brasília deveria comunicar ao embaixador ucraniano, Volodymyr Lakomov, que os EUA “não quer” nenhuma transferência de tecnologia espacial para o Brasil.

“Queremos lembrar às autoridades ucranianas que os EUA não se opõem ao estabelecimento de uma plataforma de lançamentos em Alcântara, contanto que tal atividade não resulte na transferência de tecnologias de foguetes ao Brasil”, diz um trecho do telegrama.

Em outra parte do documento, o representante americano é ainda mais explícito com Lokomov: “Embora os EUA estejam preparados para apoiar o projeto conjunto ucraniano-brasileiro, uma vez que o TSA (acordo de salvaguardas Brasil-EUA) entre em vigor, não apoiamos o programa nativo dos veículos de lançamento espacial do Brasil”.

O TSA, assinado por Fernando Henrique Cardoso com o governo dos EUA, em abril de 2000, foi amplamente rejeitado pelo Senado Federal que o derrubou por considerá-lo uma “afrenta à Soberania Nacional”. Pelo documento, o Brasil cederia áreas de Alcântara para uso exclusivo dos EUA sem permitir nenhum acesso de brasileiros. Além da ocupação da área e da proibição de qualquer engenheiro ou técnico brasileiro na áreas de lançamento, o tratado previa inspeções americanas à base sem aviso prévio.

PROIBIÇÃO

Com a rejeição, o governo americano, responsável pela fabricação de 40% de todos os satélites produzidos no mundo, decidiu proibir que satélites fabricados em seu território, ou por empresas americanas localizadas em outros países, fossem lançados por foguetes partidos da Base de Alcântara, no Maranhão.

Essas “pressões secretas” dos EUA contra o Brasil, tornadas públicas em 2011, explicam em parte as dificuldades encontradas durante todos esses anos para a implantação do Programa Cyclone 4.

Em outras partes dessas documentações divulgadas outros trechos chamam a atenção:

“O Brasil deve entrar apenas com o sítio de lançamentos.”

“Justamente para evitar que os brasileiros tivessem tecnologia de lançamento de satélites, os diplomatas americanos escreveram que os EUA “têm uma antiga política de não “encorajar” as tentativas do Brasil de desenvolver um foguete sozinho (o VLS).”

“Não apoiamos o programa nativo dos veículos de lançamento espacial do Brasil.”

Nos primórdios do Projeto Cyclone (1997), a Fiat Avio esteve associada ao empreendimento, dele se desligando quando informada pelo Departamento de Estado que os EUA não viam com bons olhos o Programa Espacial Brasileiro. “Para que os brasileiros querem ter um programa espacial próprio se podem comprar nossos serviços de lançamentos?”

Concluindo

Se o Brasil tivesse feito parceria com a CHINA na época, o Brasil já teria seus 5 modelos de lançadores de Satélites prontos (China e Brasil são parceiros antigos no desenvolvimento Espacial, na parte de Satélites). Ou começasse investir dinheiro suficiente para o próprio Brasil congregar suas forças e meios e desenvolver por completo. Desenvolver sua própria tecnologia Nacional ou outra que não seja adquiriria tecnologia não Americana. A dependência da Tecnologia Americana no Programa Brasileiro é um grande travamento do Programa Espacial Brasileiro.

E o acordo proposto pelos EUA de Salvaguarda era péssimo para o Brasil e só bom para os EUA. Além de tratarem Brasileiro como cachorro e espião.

A verdade é que esse acordo é um verdadeiro escárnio para o Brasil e tem exigências criminosas. Ele impede, por exemplo, que os recursos advindos do aluguel da base sejam utilizados para financiar o Programa Espacial Brasileiro. Em realidade, visa evitar que o Brasil avance no desenvolvimento da tecnologia para construção dos seus próprios veículos lançadores.

Por exemplo, não vamos poder lançar um satélite desenvolvido com a China.

Outra coisa curiosa é por que para o Brasil lança foguetes e satélites contendo tecnologias Americanas tem que ter acordo se Salva-guarda do modo que foi feito tratando Brasileiro como Cachorro e Espião e tentando interferir até no controle soberano de Alcântara e para outros países não precisa de nada disso. Estanho né...

Corre o perigo ainda dos EUA querer barra lançamento de satélite e foguetes de um monte de país com alegação que tem componentes americanos nesses lançamentos. Em razão de joguinhos políticos.

O Mercado Espacial Gera Bastante Dinheiro, então os que têm a tecnologia tenta não deixar outros entrarem no mercado para competir a fatia do dinheiro espacial, e tenta criar um monte de entraves.

Observações:

- O Brasil tem utilizado seus recursos humanos e naturais na compra do resultado tecnológico de outros países, em lugar de investir seriamente em educação e desenvolvimento interno. Quando o País que está entre as 10 maiores economias mundiais tem sua economia em grande parte sustentada por commodities, é sintoma de que deixou de investir em educação e tecnologia. Mesmo que possamos realizar serviços com tecnologias estrangeiras, eles se farão com instrumentos que podem ser indisponibilizados por decisão do detentor da tecnologia. A modernidade importada é frágil e pode desaparecer a qualquer momento, bastando que ocorra alguma divergência com o país exportador da tecnologia. O Brasil dispõe de competências técnicas individuais que precisam apenas encontrar ambiente propício para transformar potencialidades em realidades;

- Países que tinham condições mais precárias que o Brasil, há algumas décadas, hoje são líderes em desenvolvimento tecnológico e se enriquecem com o nosso consumo de bens que poderiam ter sido perfeitamente desenvolvidos aqui. Portanto, o País está importando comodidade e exportando commodities. As divisas que são usadas fazem falta ao desenvolvimento tecnológico nacional;

- O custo de desenvolvimento dos 5 modelos de lançador tem vulto desprezível em relação à economia do País, até porque parte do custo já foi gasta na formação profissional (Universidades e Centros de Pesquisas) técnicos capazes de conduzir as próximas etapas do desenvolvimento dos 5 lançadores, na infraestrutura de laboratórios necessários aos ensaios a serem feitos, na capacitação de empresas para produzir itens com a qualidade necessária, no desenvolvimento dos motores necessários e no campo de lançamento;

- O sucesso do investimento abrirá uma janela de atividade econômica de alto teor tecnológico, que poderá alimentar a continuidade do investimento em projetos espaciais de maior porte;
- O sucesso do investimento poderá estimular o desenvolvimento de outras áreas tecnológicas, formando um círculo virtuoso envolvendo o nível educacional do País.
- E, por fim, há uma oportunidade única atualmente com o crescimento do uso de satélites de pequeno porte e há falta de lançadores para esses artefatos.

